

RELAÇÕES DE GÊNERO NAS FÁBRICAS DE TECIDOS: O CASO DA COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS ALIANÇA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

Isabelle Cristina da Silva Pires¹; Fabiane Popinigis²

1. Bolsista PET História, Discente do Curso de História, ICHS/UFRRJ; 2. Professora do DIRI/ICHS/UFRRJ.

Palavras-chave: relações de gênero; fábrica de tecido; Aliança;

Introdução

A presente argumentação procura apreender um pouco da vivência dos trabalhadores e das trabalhadoras da fábrica de tecidos Aliança tanto na experiência do trabalho fabril quanto na esfera privada, em suas casas na vila operária, e em seus momentos de lazer no interior desse complexo industrial. Adentraremos ainda na conflitante relação entre patrões e empregados, mas também na complexa relação entre funcionários intermediários (mestres e contramestres) e os subalternos (operários e operárias). Em suma, para analisarmos essas relações será relevante atentarmos para a importância das noções de masculinidade na definição das hierarquias dentro do trabalho fabril têxtil. Nesse sentido, buscaremos destacar como as operárias dialogaram com essa lógica e como se utilizaram em benefício próprio dessas noções.

Metodologia

Para o operariado dos primeiros anos republicanos os periódicos representavam um dos principais porta-vozes de suas demandas por direitos, e de difusão da propaganda das correntes ideológicas que os influenciavam. Por isso, para investigar as relações de gênero estabelecidas na fábrica Aliança utilizaremos como fonte os seguintes jornais operários: *Gazeta Operária* (1902-1903/1906), *Brazil Operario* (1903-1904), *A Voz do Trabalhador* (1908-1909/ 1913-1915). Esses periódicos estavam ligados à diferentes tendências ideológicas e acreditamos que seja importante trabalhar com jornais de distintas abordagens, para focalizarmos visões variadas sobre um mesmo tema.

Resultados e Discussão

A seguir, apresentamos um trecho da descrição feita por um operário acerca de uma briga entre um mestre e uma operária e a, consequente, expulsão desta da Fábrica Anhaia, em São Paulo, publicada na *Gazeta Operária* em 23/11/1902: “Rapariga de 18 anos, alta, musculatura desenvolvida, corpulenta: seios abundantes e altivos, [...] Verdadeiro typo de mulher revolucionaria [...] Parecia mais uma rainha que uma operaria.” Assim, a partir da análise das fontes, percebemos que a convivência cotidiana entre homens e mulheres fazia com que estas fossem frequentemente assediadas por patrões e funcionários superiores. Mesmo que a presença feminina nesses ambientes fosse no papel de trabalhadora, a mulher era muito retratada de forma “sexualizada”, descrita por seus atributos físicos através das vozes masculinas, mesmo que estivesse em situação de defesa dos seus direitos.

Em diversas ocasiões, percebe-se na fala dos homens que eles se sentiam ameaçados com a presença das mulheres ocupando postos de trabalhos “masculinos”. Os articulistas dos jornais operários frequentemente ressaltavam a “fragilidade” e “debilidade física” como características supostamente naturais das mulheres, que prejudicariam a execução do trabalho. Vejamos um trecho do jornal *A Voz do Trabalhador* de 1º de julho de 1908 que aborda a desaprovação dos homens em relação ao trabalho fabril feminino: “Ninguém cá fora sabe que pouco a pouco **a gerencia das fabricas de tecidos vai substituindo os homens por mulheres**. Igualmente se ignora que além de ser esse trabalho fatigante e aniquilador para a **constituição debil da mulher...**”(grifos meus). Também, comumente, encontramos nas fontes conflitos de masculinidades entre funcionários intermediários e operários, nos quais os superiores,

procuravam “defender a honra” das operárias. Destacamos dois casos, um publicado na *Gazeta Operaria* e o outro em *A Voz do Trabalhador*: no primeiro, um mestre demitiu um operário porque este havia cobrado uma dívida a sua operária protegida. No segundo, um chefe de oficina agrediu e mandou prender um operário que se encontrava dirigindo gracejos a uma operária da fábrica. Percebemos, portanto, que as operárias se utilizavam desses mecanismos de proteção oferecidos por funcionários privilegiados para conseguir benefícios nesses espaços de trabalho com condições tão precárias e, nos quais, as mulheres eram discriminadas. Nesse sentido, é possível encontrar denúncias de operários alegando que esse comportamento “galanteador” desses funcionários feria a moralidade das famílias, denegria a honra das mulheres e criava um sentimento de ódio nos operários.

Em agosto de 1903, uma fábrica de tecidos entrou em greve. A Aliança resolveu aderir ao movimento grevista, pois, entre outros motivos, o diretor Oliveira e Silva negou o pedido feito por uma comissão de operários para readmitir uma trabalhadora dispensada pelo mestre de teares Ferreira da Silva. A operária demitida, uma viúva polaca, de nome Ludovica, havia sofrido abuso sexual do mestre mencionado, ficou grávida e foi por ele abandonada. A trabalhadora afastou-se da companhia durante um mês para dar à luz no hospital da Misericórdia. Quando retornou à fábrica para retomar o trabalho, o mestre Ferreira da Silva impediu-a de ocupar sua função alegando que ela não era mulher honesta. Percebemos nesse caso, mais uma articulação de determinadas noções de masculinidade: ao ameaçarem parar o trabalho se a operária não fosse readmitida, os trabalhadores utilizavam largamente o argumento de defesa da moralidade e da honra das mulheres operárias para mobilizar a classe contra a exploração dos patrões.

Conclusão

Compreendemos que o operariado encontrou na imprensa operária uma forma de levar ao conhecimento público as explorações ocorridas nas fábricas e as precárias condições de trabalho a que estavam submetidos. Constatamos que as operárias se utilizaram pouco desse meio de comunicação, suas demandas e inquietações eram apresentadas, muitas vezes, pelas vozes masculinas. As possíveis causas para tal ocorrência podem ter sido o fato de que uma grande parcela das trabalhadoras fabris era analfabeta e o operariado se correspondia com os redatores dos jornais, principalmente, por meio de carta. Ainda podemos conjecturar que por ser a imprensa operária um ambiente muito masculino, as mulheres não se sentissem a vontade para aproximação.

É possível perceber que as operárias que se utilizaram dos mecanismos de proteção oferecidos por mestres e contramestres se tornavam, nesses ambientes hierarquizados de trabalho, funcionárias favorecidas. Destacamos esta prática como um meio de obter benefícios em um espaço de exploração feminina e em que os superiores gozavam de privilégios e exerciam poder sobre os inferiores.

Observamos que a exploração do trabalho industrial sofrida pelo operariado, assumia contornos particulares para os operários e para as operárias. Atentamos para o fato de que os homens estavam mais relacionados a conflitos dentro da fábrica envolvendo disputas por poder e hierarquia, pautados por relações de masculinidade. Já as mulheres buscavam outras formas de resistência à exploração, pois não estavam integradas ao movimento operário assim como os homens, em decorrência do espaço público, da política, ser considerado como espaço masculino.

Referências Bibliográficas

- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.
- POPINIGIS, Fabiane; SCHETTINI, Cristiana. Empregados do comércio e prostitutas na formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro republicano. In: **Revista ArtCultura**, V. 11, nº 19, jul.-dez., 2009.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. UNESP, 2007.
- Fontes:** FREIRE, Elisario. *Brazil Operario*. Rio de Janeiro. 1903-1904; GARCIA, Mariano. *Gazeta Operaria*. Rio de Janeiro. 1902-1903/1906; ___. *A Voz do Trabalhador*. Rio de Janeiro. 1908-1909.